

Os razoáveis otimistas

Enquanto o ministro da Fazenda, Pedro Malan, enfrentava na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), conforme se previra, insistentes reclamos dos industriais, que não mais suportam as elevadas taxas de juro, podiam-se ouvir, num edifício quase fronteiriço, no seminário promovido pelo Citibank, por motivo dos seus 80 anos de vida no Brasil, declarações otimistas quanto ao futuro do País.

Forte contraste, talvez justificável quando partido de uma instituição financeira, mas muito mais no entender de analistas, dotados de visão de longo prazo e conscientes de que um programa de ajuste exige enorme paciência. Está o ministro convencido de que o Plano Real vai requerer adaptação contínua durante os quatro anos do mandato do presidente da República.

Coube a John Reed, com o seu aprofundado conhecimento dos países latino-americanos, abrir os debates. O seu razoável otimismo se fundamenta na considerável transformação que está descobrindo em nosso país: a "consistência política", sobrevinda à crise mexicana, perturbação, segundo acredita, já ultrapassada, com resultados muito favoráveis ao Brasil. Sem dizê-lo especificamente, o presidente do Citibank deu a entender que a nossa democracia, apesar de todas as suas dificuldades, oferece condições mais confiáveis do que as do México, que, até agora, não conseguiu livrar-se dos inconvenientes de um partido único. John Reed está visualizando, no Brasil, um processo político transparente, nitidamente favorável à estabilização.

É interessante notar que outros oradores participantes do seminário compartilham esse otimismo razoável, embora considerem, ao lado do presidente do Citibank, que temos um longo percurso a cobrir para que o Brasil chegue ao ponto final do seu programa de estabilização. John Reed não escondeu que acha o nosso programa de privatização muito tímido; preferiria que se desse prioridade a esse processo em lugar de passar pelo sistema de concessões, menos atraente para os investidores estrangeiros. Por sua vez, o indus-

trial Jorge Gerdau Johannpeter lamentou a ausência de uma reforma fiscal, que, aliás, considera de escassos efeitos, quando seria necessário afastar o ônus que recai sobre o imobilizado das empresas.

Já o professor Mário Henrique

Simonsen, embora declarando que o Plano Real vai bem, não se contenta com os resultados relativos a uma inflação que, malgrado em baixa, continua em nível excessivamente elevado para que haja tran-

quilidade. O déficit público persiste nas suas preocupações. Não parece muito otimista quanto à realização, no curto prazo, de uma reforma tributária que vem contrariando tantos interesses. Entende que se poderia logo resolver o problema com a redução do ônus representado pelo serviço da dívida interna. A solução razoável seria o término da zeragem automática da posição dos bancos no "open market", embora isso, seguramente, possa levar a uma crise muito séria as empresas financeiras, que, hoje, diante da insolvência que vem assumindo amplitude preocupante, prefeririam recorrer a aplicações em títulos da dívida pública. A única atitude realista, no momento, parece ser a aceleração do programa de privatização, para que as receitas decorrentes possam reduzir o montante da dívida interna.

Nisso, certamente, errou a Fiesp, que, ao criticar com razão a atual taxa de juros, não soube propor soluções para que se saia da atual situação, que, nos próximos meses, poderá desencadear uma crise não plenamente avaliada, ao que parece, pelas autoridades monetárias. O ministro Pedro Malan, que pretende situar-se entre um "otimismo ingênuo" e o exagerado pessimismo dos profetas da catástrofe, parece estar satisfeito com o êxito da política de luta contra a inflação e a convicção de que não voltaremos às taxas do passado. Tem certamente razão quando salienta que o Plano Real é superior aos anteriores, mas adota, ao que parece, uma atitude passiva diante da incapacidade do governo de efetuar uma política monetária ativa. Mas o Plano, segundo reconhece o próprio ministro, constituirá uma reforma permanente...

O Citibank apóia o otimismo de Malan. Mas este não tem respostas para o futuro do Plano Real